

A eleição nos EUA e a China

Relações comerciais entre as nações deverão ter um novo modelo

Marcus Vinicius Rodrigues

Doutor em Engenharia de Produção, Membro da Academia Brasileira de Ciências da Administração, Membro do Conselho Editorial do Instituto General Villas Boas, Professor e Consultor da Fundação Getúlio Vargas- FGV.



31/10/2020 – 00:00

O déficit da balança comercial entre China e EUA, em favor dos chineses, tem início nos anos 1990. Desde então, várias teses e muitas acusações contra a China foram disseminadas no Ocidente, como as ações desumanas nas relações trabalhistas, o desrespeito ao meio ambiente, as práticas comerciais não éticas, os roubos de propriedades intelectuais, entre outras.

Mas uma reação mais efetiva dos EUA a essa defasagem comercial só acontece com a chegada de Donald Trump à Presidência, em 2017. Já na campanha eleitoral Trump não poupou declarações contra o status das relações comerciais de então. Sempre pautado em “uma América para os americanos”.

Em 2018, o presidente dos EUA apresentou, com o objetivo de proteger os produtores americanos e estimular o desenvolvimento interno, um plano para imposição de novas tarifas à importação de produtos chineses. Isso motivou ameaças e pronunciamentos não diplomáticos entre as duas potências. Com essa elevação de temperatura no início do segundo semestre de 2019, a crise atinge seu apogeu quando a China desvalorizou fortemente sua moeda e passou a ser acusada formalmente pelos EUA de manipulação cambial.

Em dezembro de 2019, EUA e China, após intensas negociações, concordam em suspender as tarifas de importações e iniciar uma caminhada para a busca de um amplo acordo comercial. É nesse contexto que é identificado, no início de dezembro do mesmo ano, na cidade de Wuhan, na China, o primeiro caso de uma Síndrome Respiratória Aguda Grave, motivada pelo coronavírus.

Uma ocorrência infeliz, em um momento não adequado e num local questionado. Mas coincidências podem existir.

Esse fato fez com que Trump e outras autoridades americanas lançassem suspeitas de que o vírus teria surgido, ou sido “fabricado”, num laboratório em Wuhan. As acusações do atual presidente americano foram duras, e passaram desde o confronto direto com o governo chinês a ataques à Organização Mundial da Saúde (OMS). Apesar de uma suposta trégua para continuidade das relações comerciais, o problema diplomático entre EUA e China continuou aquecido.

Tudo isso agravado pelo preço do petróleo, ainda hoje uma commodity que mede o status das atividades econômicas, que teve durante a pandemia uma queda maior que em 1991, motivada na época pela Guerra do Golfo.

Nas últimas semanas a acirrada disputa política de Donald Trump com Joe Biden fez esfriar as ofensivas dos EUA à China e à OMS. Com uma vitória de Trump, o conflito comercial entre as duas maiores potências do mundo deve retornar de forma ampliada. Porém com sua derrota, Biden não terá espaço para ceder ou fazer muitas concessões à China.

A redução da produção, o fechamento do comércio e as duras, mas necessárias, restrições impostas à população causaram uma queda brusca na economia mundial. Diante desse contexto, os governos dos EUA, da China e de todos os outros países estão preocupados em socorrer os seus mercados e seus cidadãos dentro de suas limitações através de várias ações.

No atual momento existe apenas uma certeza. O mundo não será mais o mesmo, e as relações comerciais entre as nações deverão ter um novo modelo. Os blocos econômicos e as relações políticas e comerciais entre as grandes potências mundiais, em particular entre EUA e China, sem dúvida, terão mudanças significativas. Possivelmente regadas por posições nacionalistas e restritas não somente ao comércio, mas também a o que e a como produzir.

Cada nação deverá se voltar para as necessidades e qualidade de vida de seus habitantes e para suas organizações produtivas, que vão ter que se capacitar para assumir as futuras e novas demandas internas, em tempos normais ou de crise, precisando o mínimo possível de apoios externos.

Isso pode ser mais lógico, mais saudável para um desenvolvimento mais humano e sustentável, bem com para uma maior e necessária autonomia das nações.

Vamos aguardar em novo mundo.

Para comentar é necessário ser assinante

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os termos de uso, denuncie. Leia as perguntas mais frequentes para saber o que é impróprio ou ilegal

Fonte:

<https://oglobo.globo.com/opiniao/a-eleicao-nos-eua-a-china-24719277>